



UM CASO DE MENTALIDADE:

Interpretação e projecção social de patrimónios culturais¹

Salete da Ponte

*Docente do Instituto Politécnico de Tomar, Portugal.
Doutoramento em Arqueologia e Pós-Graduação em Museologia.*

¹ Artículo cedido por la autora al Portal Iberoamericano de Gestión Cultural para su publicación en el *Boletín GC: Gestión Cultural N° 9: Turismo Arqueológico*, octubre de 2004. ISSN: 1697-073X.

Resumo

O despertar recente de ruínas da madina em pleno coração do Castelo Templário, e a descoberta romana da antiga cidade de Tomar (Seilium/Sellium), no actual meio urbano, têm proporcionado um conjunto de iniciativas e de experiências pontuais, tendentes à salvaguarda, interpretação científica, e divulgação pedagógica do património arqueológico, em risco de total abandono ou secundarizado pelas entidades locais e nacionais. Os exemplos apresentados são dois casos paradigmáticos de subvalorização patrimonial, distanciando-se, sobretudo quanto ao contexto e conteúdo de espaço e tempo, mas identificando-se pelo valor e significado antropológico das marcas evidenciadas nas novas roupagens modernas e contemporâneas.

Introdução

A cidade de Tomar (Portugal) conhecida pela capital dos Templários é, com efeito, a *Cidade Monumental/Cidade Jardim* com edifícios e arruamentos mais emblemáticos do período aureo da *Ordem de Cristo*, sob o reinado de D. Manuel I (Séc. XV). É, com efeito, esta realidade urbana apadrinhada pelas instituições locais e nacionais, sobretudo pelo carisma, simbolismo, carácter e monumentalidade dos edifícios públicos e privados da era medieval e moderna portuguesa.

As marcas, as memórias e as pré-existências arqueológicas dispersas pela cidade tomarense têm sido, ora menosprezadas, ora toleradas, ora tendencialmente associadas ao universo medieval templário, da antiga *Vila* da actual cidade de Tomar (Portugal). É neste contexto de leituras contraditórias, que surgem iniciativas, experiências e análises sobre artefactos, estruturas, símbolos e marcas das “coisas”, que consubstanciam ideias, atitudes e sentimentos colectivos das comunidades que ocuparam o solo tomarense, em tempos anteriores aos Templários (1160). Esta dicotomia histórica é sublinhada e agravada deliberadamente por interesses adversos ou cúmplices, por decisões arbitrárias e por padrões escleróticos e isotéricos desenraizados do pensamento e conhecimento contemporâneos.

Novas Leituras Interpretativas

As recentes escavações arqueológicas efectuadas no interior da *alcáçova* de Tomar (PONTE *et alli* 2001: 423-438) permitiu uma nova leitura interpretativa e crítica sobre o assentamento de raiz, do Castelo Templário “construído” pelo mestre templário Gualdim Pais, a 1 de Março de 1160 (LACERDA MACHADO 1936; VIEIRA GUIMARÃES 1932).

As pistas e marcas físicas existentes no terreno, quase sempre foram ignoradas por sucessivas gerações de historiadores que, por miopia científica ou pura ignorância, remetiam os muçulmanos para longe das fronteiras físicas da monumental arquitectura do Castelo e Convento de Cristo, mais exactamente para sul do Tejo.

O lastro consistente da toponímia, dos artefactos e da descoberta das pré-existências muçulmanas foram, até há bem pouco tempo, conhecidas como frágeis indícios de uma vaga migratória, sem substrato identitário para as comunidades residentes, deixando, assim, essa herança cultural na penumbra, ignorando as próprias páginas de Herculano (BORGES COELHO 1989: 23), e, mais recentemente, os novos movimentos historiográficos, sobretudo a partir do 25 de Abril de 1974. Digamos que passados 30 anos, cessou o nosso isolamento internacional, repercutindo-se no saber/actividade, encarado, hoje, no plural, conjugando interpretações e leituras diferentes dos sítios ocupados pela humanidade. São já notórios indícios de uma nova mentalidade, quanto à conceptualização, análise e interpretação no plural das *entidades* passadas, as ditas comunidades sócio-culturais, que partilharam o território em vários tempos, com duração, extensão e modo de funcionamento (OLIVEIRA JORGE 2003: 32) bem diferenciadas. No entanto, os primeiros passos de mudança são ainda tímidos e ténues da parte dos organismos estatais, carecendo, na maioria das vezes, de um plano orientador político-cultural sobre a herança histórica, e, conseqüentemente sobre a garantia e eficácia de mecanismos legais, que assegurem a *história como memória* e promovam a qualidade de vida dos cidadãos.

Os progressos destes últimos anos, sobretudo no domínio da democracia, que se repercutiu no âmbito das ciências sociais, e, muito particularmente na conceptualização dos patrimónios e das arqueologias em diferentes escalas, e com desenvolvimentos pluriuniversais, têm concorrido para uma nova perspectiva dos vários mundos históricos reinterpretados.

O fenómeno romano, (Figs.1-2) em Tomar, ainda que tolerado é negligenciado pelo Estado, dado o deficiente reconhecimento das ruínas do *Forum Augustano* (PONTE 1993; *id. Ibidem.*, 2000), estando estas sujeitas a danos ambientais e humanos bastante graves, resultantes de variadíssimas formas de incompreensão e ignorância dos cidadãos.



Figs. 1-2: Reconstituição virtual do Forum Augustano

Havendo, no entanto, uma constante preocupação ambiental e ecológica de uma minoria residente, denota-se, por outro lado, uma postura egoísta e mercantilista preocupante, de uns e de outros. Entretanto, um pacote de sugestões, projectos, iniciativas e experiências pontuais dos investigadores directamente associados aos dois casos paradigmáticos, têm vindo a ser estrategicamente divulgados, mas sem que haja benefícios visíveis para a salvaguarda e fruição social dos referidos sítios arqueológicos.

Estratégias

Nos últimos quatro anos tenho ,proposto às entidades estatais um conjunto de iniciativas para os 2 sítios analisados, com enquadramentos diferenciados, dada a natureza e especificidade de cada uma das realidades arqueo-históricas. Ambas passam necessariamente, pela manutenção, conservação e musealização cénica destes dois espaços físicos com *identidade cultural* própria: um, encaixado no Castelo Templário/Paços do Infante D. Henrique (Séc. XV), outro num gaveto com serventia para os prédios, que contornam em cunha as ruínas do Forum de *Seilium/Sellium*.

Preconiza-se para ambos, os seguintes vectores: a) *mecanismos de memória* (salvaguarda/preservação); b) *encenação museográfica* (comunicação/apresentação / representação).

O código de signos e de significantes, permitirão reconhecer e relacionar as coisas e experimentar sentimentos e emoções.

Os cenários museografados permitirão uma valorização acrescida à herança material, aduzindo as nossas observações, os nossos conhecimentos e as nossas vivências. Digamos

que o turismo arqueológico numa perspectiva social, deverá ser encarado como a extensão e projecção de uma cadeia de passados, que ao traduzi-los em ambiências e cenários, enquanto heranças de vivências plurais, tornar-se-ão em agentes activos de uma nova realidade, (re)construindo, assim, o *Passado*, num movimento em cadeia.

No âmbito de uma nova visão museográfica dos dois sítios arqueológicos, propõe-se para as ruínas da *madina* e para a imagem de *Poder e Sociedade do Forum Romano*, uma visão estratégica e museográfica de leitura crítica aos recursos evidentes e às essências e identidades materiais e imateriais existentes no diáfano território de Tomar.

As pré-existências recuperadas tornar-se-ão, de facto, geradoras de “mais-valias” simbólico-culturais ou físico-culturais, e económico-financeiras do território, como factores de coesão de olhares pluridisciplinares e de dinâmicas sociais relacionadas com os bens culturais desse espaço humanizado.

A museografia das coisas históricas aduzirão, assim, novas valências de existência e funcionalidade, sustentáveis não só para a sobrevivência das pré-existências passadas, mas também para que essas memórias de múltiplas identidades, contribuam para o desenvolvimento das comunidades de hoje, da sociedade e das gentes, que se revêm nos patrimónios, que são a sua *identidade*.

É nesta perspectiva que a salvaguarda e recuperação destes *Patrimónios* deverão ser encarados como recursos sustentáveis, que viabilizarão uma dinâmica turístico-cultural, ou seja, social e antropológica, e que permitam tornar-se numa elegia à peculiaridade da sua existência na memória e vivência colectivas do presente.

BIBLIOGRAFIA

BORGES COELHO, A., (1989): *Portugal na Espanha Árabe. Geografia e Cultura*, Lisboa, vol. 1.

LACERDA MACHADO (1936): *O Castelo Templário* (origem da cidade de Tomar), Tomar.

OLIVEIRA JORGE, V., (2003): *Olhar o mundo como arqueólogo*, Coimbra.

PONTE, S., (1989): *Sellium. Tomar Romana*, Tomar.

-*Id. Ibidem*(1993): A cidade romana de Sellium: marcas e memórias do passado urbano, *A Cidade (Jornadas Internacionais e Pluridisciplinares, I)*, Lisboa, pp. 81-94.

-*Id. Ibidem.*, (2000): Projecto de Sellium Romana: orgânica do princípio de urbanidade, *II Congresso de Turismo Cultural, Lusofonia e Desenvolvimento*, Pelotas/Brasil.

PONTE, S.,; FERREIRA, R.,; MIRANDA, J., (2001): Intervenção Arqueológica no Castelo de Tomar, *Mil Anos de Fortificações na Península Ibérica e no Magreb (500-1500): Actas do Simpósio Internacional sobre Castelos*. Lisboa, pp. 423-438.

VIEIRA GUIMARÃES (1932): *O Século XII e a Fundação do Castelo de Thomar*, Lisboa.